Dia 28 — Santo Agostinho, Bispo e Doutor da Igreja

Santo Agostinho, ornamento da ordem episcopal, um dos mais brilhantes astros do orbe cristão e tão sobressaliente entre os santos doutores da Igreja, nasceu em Tagaste, cidade da Numídia, na África, no dia 15 de novembro do ano 354. Foi de honrada família; e, embora patrício, seu pai não era ainda cristão, mas sua mãe, Santa Mônica, ganhou tanto o coração de seu marido com sua mansidão, com seu sofrimento, com sua paciência e com sua virtude que logrou que fosse cristão todo o resto da casa. Não exercitou pouco a virtude e a paciência de sua santa mãe a inquieta e buliçosa infância de Agostinho. Pela vivacidade extraordinária de seu engenho e pela veemência de suas ternas paixõezinhas, que já assomavam a cabeça, era pouco dócil às instruções. A mesma facilidade que tinha em compreender o fazia frouxo e descuidado em estudar. Era sua paixão dominante o amor da liberdade e das diversões, não podendo tolerar nem freio nem sujeição. Não poupava a virtuosa mãe meio algum para dar-lhe uma cristã educação; já o havia feito alistar no número dos catecúmenos quando caiu perigosamente enfermo e se viu às portas da eternidade. Ele mesmo pediu então o batismo; mas, aliviando-se-lhe pouco depois a enfermidade e desconfiando todos de suas más inclinações, teve-se por conveniente dilatar-lho até que com a madureza da idade melhorasse de disposição.

Logo que aprendeu a ler e a escrever em Tagaste, enviaram-no a Madaura, cidade pouco distante, a estudar a gramática e as letras humanas. Imediatamente se enamorou muito das fábulas e de todos os vãos delírios da profana antiguidade. Muito logo começou a sobressair entre todos os seus condiscípulos pela superior valentia de seu engenho, distinguindo-se particularmente no exercício da eloquência. Deram a seu pai informes tão vantajosos de sua rara compreensão e extraordinários talentos que, aos dezesseis anos de idade, o retirou de Madaura e o enviou a Cartago para que ali continuasse seus estudos. Mas, enquanto se dispunha a viagem para aquela cidade, deteve-se um ano em Tagaste sem aplicar-se a nada em casa de seus pais; e neste tempo de ociosidade entregou-se sem freio a todo gênero de dissoluções. Afligida intimamente a piedosíssima mãe, fazia quanto podia para que voltasse sobre si o mal aconselhado filho; mas nem seus rogos, nem suas amorosas repreensões, nem seus salutares conselhos faziam impressão num jovem perdido, a quem tudo se dissimulava a excessiva indulgência de seu pai. Passando a Cartago, ainda se abandonou mais desbragadamente aos excessos da lascívia, fomentada com as perversas companhias e os espetáculos profanos a que era veementemente inclinado. Com tudo isso, em meio de tanta desordem, como não podia apagar de seu coração aquelas impressões que haviam gravado nele as primeiras cristãs lições de sua virtuosa mãe, pedia a Deus de quando em quando o dom da castidade, mas com medo de que lho concedesse. Deleitava-se muito em ler as obras de Cícero, nas quais só lhe desgostava, como ele mesmo o diz, não encontrar o nome de Jesus Cristo, que se lhe havia imbuído na alma desde seus mais ternos anos. Como a desordem dos costumes conduz quase sempre à irreligião, caiu em todos os erros dos maniqueus, embora no

fundo os reconhecesse muito extravagantes.

Entretanto, afligida mais e mais Santa Mônica, sabedora daquele novo desvario de seu filho, chorava amargamente dia e noite diante do Senhor, pedindo-lhe sem cessar que tivesse misericórdia de seu filho. Na amargura de seu coração acudiu por consolo a um santo bispo, o qual a serenou, dizendo-lhe: «Vai, filha, continua a gemer e a suplicar ao Senhor, que não é possível que se perca um filho de tantas lágrimas.»

Sendo já Agostinho a admiração dos sábios por sua perfeita compreensão de todos os livros de Aristóteles e por sua celebrada eloquência, ensinou a retórica em Cartago aos vinte anos de sua idade; e, crescendo nele a ambição com o aplauso, resolveu passar a Roma. Por mais que fez, não pôde este intento ocultar-se de todo a sua piedosa mãe, que havia vindo a Cartago para trabalhar mais eficazmente em sua conversão. Quis seguir Agostinho; mas este se desembaraçou daquele estorvo com um artificioso engano. Aconselhou-a que passasse em oração aquela noite numa capela de São Cipriano que estava imediata ao porto; e, enquanto sua santa mãe se achava assim devotamente divertida, ele se fez à vela. Hospedou-se em Roma em casa de um maniqueu, onde caiu perigosamente enfermo; mas nem por isso se converteu. Professou naquela cidade a retórica ainda com maior aplauso que em Cartago, quando o magistrado de Milão escreveu ao prefeito de Roma pedindo-lhe que lhe enviasse um retórico hábil e sobressaliente. Houve pouco que deliberar na eleição, e foi Agostinho preferido a todos os demais. Logo que chegou a Milão, passou a visitar o bispo Ambrósio, cuja fama metia muito ruído no mundo. Recebeu-o com tanto agrado que lhe começou a ganhar o coração; e, assistindo depois com frequência aos sermões do santo prelado, sentiu renovarem-se em sua alma todos os remorsos de sua consciência.

Já havia tempo que, tendo confundido Fausto, o mais célebre dos bispos maniqueus, numa conferência pública, olhava com muitíssimo desprezo seus erros e estava muito desgostoso de sua seita; mas o comércio carnal em que estava enredado com uma mulher, de quem havia tido um filho, lhe servia de estorvo para abraçar a religião católica, embora estivesse bem persuadido de que ela só era a verdadeira. Nestas circunstâncias chegou a Milão Santa Mônica, resolvida a não desistir até alcançar de Deus a conversão de seu filho, ajudada também por Santo Ambrósio. Encontrou-o já em termos de que nem era maniqueu nem católico. Pareceu àquela santa mãe que convinha casá-lo para separá-lo daquela má vida; consentiu Agostinho na proposição e logo despachou para a África a mulher com quem vivia amancebado, a qual passou o resto de seus dias fazendo penitência. Neste intermédio, como não cessava a graça de solicitar interiormente o coração de Agostinho, já pelos conselhos de Santa Mônica, já pelas conversações e sermões de Santo Ambrósio, inspirou-lhe o desejo de ter uma conferência com um santo presbítero chamado Simpliciano, que havia instruído o mesmo Santo Ambrósio. Este o exortou com viveza a que rompesse generosamente os laços que o tinham aprisionado e lhe referiu a conversão de Vitorino, em que havia tido tanta parte o mesmo Agostinho e era conhecido dele. Fez-lhe tanta força o exemplo de um homem tão famoso que resolveu imitá-lo; mas esta não era mais que uma meia vontade, que nunca passava à execução.

Estando um dia em seu quarto com seu amigo Alípio, entrou Ponticiano, que o era dos dois. Viu na mesa as epístolas de São Paulo, de que se mostrou muito edificado; e, como era um cavalheiro muito cristão, tomou daqui ocasião para falar da assombrosa vida de Santo Antão, da multidão de

mosteiros que povoavam os desertos e da admirável conversão dos dois oficiais do imperador que, lendo a vida deste grande santo, imediatamente voltaram as costas ao mundo e abraçaram a vida cenobítica, entregando-se à oração e à penitência. Despediu-se Ponticiano da visita; e Agostinho, vivíssimamente comovido do que acabava de ouvir, levantou-se do assento e, voltado a seu amigo Alípio, disse-lhe com um tom de voz que mostrava bem quanto ia obrando a graça em seu coração: «Que é isto, Alípio? Em que nos detemos já? Levantam-se os indoutos e nos arrebatam o céu; e nós, com toda a nossa ciência, andamos sempre arrastando-nos pela terra? Pois quê! Porque eles foram mais cordatos que nós, não nos atreveremos nós a sê-lo tanto como eles? E porque eles foram adiante, teremos nós vergonha de segui-los?» Dizendo isto, saiu do quarto arrebatadamente. Admirado Alípio de tão estranha mudança, foi-o seguindo até o jardim. Ali sentou-se Agostinho e começou a desafogar-se em lágrimas e suspiros; mas, não tendo toda a liberdade que desejava à vista de seu amigo, levantou-se e, sem falar-lhe palavra, encaminhou-se ao mais retirado do jardim, arrojou-se ao chão debaixo de uma figueira; e, desatados seus olhos em dois torrentes de lágrimas, começou a exclamar com uma voz interrompida de soluços: «Até quando, Senhor, até quando hei de experimentar os efeitos de vossa indignação? Até quando deixarei sempre para amanhã o que posso fazer hoje? E, se amanhã, por que não desde agora?» Ao pronunciar isto, ouviu uma milagrosa voz que lhe dizia: «Toma e lê, toma e lê.» Atônito com o que ouvia, levanta-se, volta a buscar Alípio, toma nas mãos as epístolas de São Paulo que havia deixado junto dele, abre-as e encontra-se com estas palavras: «Afastai-vos da dissolução, dos sujos deleites, das imundícias; mas revesti-vos de nosso Senhor Jesus Cristo e não cuideis da carne no que toca a suas concupiscências.» Apenas acabou de ler a última palavra, quando de repente se achou muito superior a todas as irresoluções e numa grande tranquilidade. Igualmente movido Alípio, quis também ser seu companheiro na nova vida. Saíram os dois, buscaram Santa Mônica e referiram-lhe quanto lhes havia passado. Foi inexplicável o gozo da virtuosa matrona, especialmente quando ouviu seu filho Agostinho dizer que já não pensava em casar-se, mas na solidão e no retiro.

Para dispor-se melhor a receber o santo batismo, retirou-se Agostinho a uma casa de campo pouco distante de Milão, em companhia de sua mãe, de seu filho Adeodato e de seu amigo Alípio. Neste retiro compôs o livro contra os acadêmicos, o tratado da vida feliz, o da imortalidade da alma, o da ordem da Providência e os *Solilóquios*. Passava quase a metade da noite meditando as verdades da religião; continuava suas orações até muito entrado o dia e encontrava nos salmos um gosto muito requintado. Escreveu a Santo Ambrósio, que tanto suspirava pela conversão do filho de Mônica, dando-lhe conta da disposição em que se achava e pedindo-lhe suas instruções para prevenir-se ao sagrado batismo. No princípio da Quaresma do ano de 387 voltou a Milão e enfim foi batizado por Santo Ambrósio no Sábado Santo, em companhia de seu filho Adeodato e de seu grande amigo Alípio. Diz-se que naquela solenníssima função compuseram entre Santo Ambrósio e Santo Agostinho o hino, ou cântico, *Te Deum laudamus*, em ação de graças por uma conversão que cumulava de gozo toda a Igreja, sendo uma insigne vitória contra todo o inferno.

Contava trinta e três anos Santo Agostinho quando foi batizado. Elevado pelo batismo à dignidade de filho de Deus, resolveu conservá-la toda a vida com a pureza de costumes e com a regularidade de toda a sua conduta; mas, considerando que o bulício do mundo podia servir de estorvo a seus intentos, tomou o partido de retirar-se; e resolveu buscar na África aquele lugar que lhe parecesse mais a propósito para chorar seus pecados. Partiu de Milão em companhia de sua mãe e de seu

filho e deteve-se no porto de Óstia esperando embarcação. Aqui perdeu sua querida mãe, Santa Mônica, e não pôde negar suas ternas lágrimas à morte daquela que tantas havia derramado por ele no decurso de sua vida. Concluídos os funerais de sua santa mãe, passou a Roma com ânimo de deter-se algum tempo naquela cidade, e tudo o empregou em solicitar a conversão dos maniqueus. Não podendo sofrer o descaramento com que se jactavam de sua imaginária continência, para curá-los e reduzi-los à fé, compôs então os dois livros dos costumes da Igreja católica e dos costumes dos maniqueus; e pouco depois o tratado do livre-arbítrio contra os mesmos hereges.

Tendo-se detido em Roma de quinze a dezesseis meses, embarcou-se em Óstia e aportou à África pelo fim do inverno do ano 389. Retirou-se a uma casa de campo com alguns amigos seus, e por espaço de três anos entregou-se inteiramente a exercícios de devoção e de rigorosa penitência. Ocupava-se dia e noite em oração e no estudo da religião e da sagrada Escritura. Jejuava todos os dias com extremado rigor e macerava sua carne com grandes e contínuas penitências. Naquele santo retiro compôs os dois livros sobre o Gênesis e o que intitulou *O Mestre*, que é um admirável diálogo com seu filho Adeodato. Este filho tão querido morreu-lhe pouco tempo depois no mesmo retiro. Logo compôs aquele livro da verdadeira religião, uma das obras mais excelentes de tão esclarecido varão.

Contava Agostinho quase três anos nas piedosas delícias, sossego e gosto daquela amável solidão, quando o obrigou a sair dela a fama de sua eminente virtude e de sua rara sabedoria. Certo grande senhor da cidade de Hipona, uma das principais da Numídia, grande cristão e grande amigo de nosso santo, instou-o para que passasse a vê-lo. Consentiu Agostinho nesta viagem pela esperança de ganhar aquele cavalheiro e de reduzi-lo a que aumentasse o número de sua pequena comunidade. Achando-se em Hipona o bispo daquela cidade, chamado Valério, propôs ao povo a necessidade que tinha aquela igreja de um presbítero virtuoso e sábio que o ajudasse nas funções de seu ministério episcopal. Como os vizinhos tinham tão conhecida a virtude e a sabedoria de Agostinho, não quiseram outro; mas era preciso surpreendê-lo, porque o sobressaltava até a sombra de toda dignidade. Entrou um dia na igreja a tempo que estavam juntos os fiéis, e no instante lançaram mão dele; e, sem dar ouvidos nem a suas lágrimas, nem a seus rogos, nem a suas razões, todos a uma voz começaram a clamar que o ordenassem presbítero. O bispo Valério, que estava já de acordo, fez menos caso que todos dos eloquentes argumentos esforçados por sua humildade e por seu engenho, com que lhe foi preciso render-se; e, tendo recebido as demais ordens sagradas, ordenou-o presbítero o mesmo bispo. O mais que pôde capitular foi que lhe haviam de fazer doação de uma horta da igreja para fundar naquele sítio um mosteiro. Logo que se acabou a fábrica, concorreu a enchê-la grande número de sujeitos excelentes, para os quais compôs o santo sua regra. Era neles extrema a pobreza, o jejum e o silêncio contínuo, a oração pouco interrompida. E esta é aquela admirável regra que foi como fecunda mãe de tantas famílias religiosas, e o é hoje uma das mais ilustres e das mais santas que adornam a santa Igreja. Embora ainda não se costumasse na da África que pregassem os presbíteros, sendo este ministério próprio e privativo do pastor, não duvidou Valério dispensar este costume em favor de Santo Agostinho. Quis, pois, que repartisse ao povo o pão da divina palavra, e o fez com tanto fruto que já não o conheciam por outro nome senão pelo de apóstolo da palavra de Deus. Pregava todos os dias, e cada dia a maiores concursos e com mais universal aplauso.

Não se contentando Agostinho com fazer guerra aos vícios por meio de seus sermões, fazia-a também, e não menos sangrenta, com as armas de seus escritos. Compôs o livro da utilidade da fé, com o qual reformou muitos abusos que se haviam introduzido em Hipona. Teve uma disputa pública com Fortunato, que era o herói dos maniqueus, na qual não só o confundiu, mas também o moveu, pois prometeu converter-se; embora esta promessa se reduzisse depois a ausentar-se e a não aparecer mais na cidade. No ano de 393 assistiu ao concílio de Hipona, convocado por Aurélio, bispo e primaz de Cartago, em que, a rogo dos padres, compôs o livro da fé e do símbolo, que é um admirável compêndio da doutrina cristã. No mesmo ano publicou vários escritos contra os donatistas e os maniqueus, declarando-se o açoite de todos os hereges. No ano de 394 estreitou-se aquela íntima amizade entre São Jerônimo e Santo Agostinho, tendo-a formado Alípio por ocasião de uma viagem que fez à Palestina. Também São Paulino de Nola quis ter correspondência com nosso santo, que já era venerado no mundo como o oráculo da Igreja; e, enfim, não havia em toda ela sujeito algum sobressaliente em letras ou em virtude que não solicitasse entabulá-la com aquele grande homem. Mas o bispo Valério, temendo que lhe arrebatassem Agostinho para alguma igreja destituída de pastor, quis assegurá-lo; pediu-o por coadjutor seu e o conseguiu. Juntos os bispos da província e desprezando sua resistência àquela sublime dignidade, obrigaram-no a render-se à vontade do Senhor, consagrando-o por bispo coadjutor do de Hipona no ano de 395, aos quarenta e dois de sua idade.

Estremeceram-se todas as seitas logo que viram Agostinho colocado na cadeira episcopal. Os donatistas, de que estava cheio aquele país, prevendo o perigo que corria seu partido se Agostinho se declarava contra ele, pediram composição. Ofereceu-lhes uma conferência; obrigaram Proculeiano, seu bispo, a que a aceitasse; mas este nunca teve valor para medir suas forças com tão formidável adversário. Recorreram a uma tropa de bandidos e de facínoras, que era a gente mais honrada e a mais escolhida dos donatistas. Chamavam-nos circunceliões, porque sua ocupação se reduzia a rondar continuamente ao redor das casas para cometer todo gênero de insolências e de crueldades. Sedentos do sangue dos católicos, ansiavam muito mais pelo de Agostinho; muitas vezes tentaram assassiná-lo; mas sempre o livrou Deus milagrosamente. Em meio disso, não cessava o santo de trabalhar em sua conversão, já com suas palavras, já com seus escritos; e com esta ocasião compôs seus tratados sobre o batismo e sobre a unidade da Igreja. Assistiu a muitos concílios que se convocaram em Cartago e em outras partes, sendo a alma e o oráculo de todos eles. Mas não o ocupavam tanto os hereges que não dedicasse sua primeira e principal atenção ao cuidado de seu rebanho, particularmente depois da morte do bispo Valério, seu predecessor, visitando sua diocese com todo o zelo e com todo o fruto que correspondia ao alto conceito de sua santidade e de seu mérito.

Como os donatistas não cessavam de turbar a igreja da África, viu-se precisado o imperador Honório a permitir uma disputa pública entre os sujeitos mais hábeis dos dois partidos. Celebrou-se em Cartago no ano de 411; concorreram a ela duzentos e oitenta e seis bispos católicos e duzentos e setenta e nove donatistas. Assistiu a este famoso congresso o tribuno Marcelino, a quem nomeou o imperador por seu comissário para evitar toda desordem. O principal, ou, por melhor dizer, o único ator foi nosso Agostinho, que deixou confundido Petiliano, o Aquiles dos hereges. Triunfou a religião católica, e se desvaneceu como fumaça aquela espessa nuvem de donatistas. Mas nem foram estes os únicos hereges que combateu nosso santo, nem foi esta a única vitória que conseguiu. Havia-o escolhido Deus para perseguir, para tirar a máscara, para atacar e para vencer

todas as heresias. Depois que confundiu, prostrou e aterrou os arianos, os priscilianistas, os origenistas e os maniqueus, foi preciso que medisse suas armas com Pelágio. Este monge, originário da Irlanda, de tal maneira havia enganado o mundo com sua compostura exterior, com sua cara de homem penitente e mortificado e com todo o aparato de varão exemplar e virtuoso que geralmente era tido por homem santo e à sombra desta reputação havia derramado por todas as partes o veneno da mais perniciosa heresia. Enquanto o mestre a ia estendendo pelo Egito, seu discípulo Celéstio a semeava e a defendia no Ocidente. Refutou Santo Agostinho todos os erros desta empeçonhada seita por um prodigioso número de escritos, que com razão lhe mereceram o glorioso nome de doutor e defensor da graça.

Não se falava já em todo o orbe cristão senão dos talentos, das obras, das vitórias de Santo Agostinho, venerado pelo assombro do mundo e pelo homem da Igreja. Acudiam a ele de todas as partes para consultá-lo; nem se celebrava concílio, ou junta, ou congresso de bispos e de doutores a que não fosse chamado e onde não fosse ouvido como oráculo. Mas o mais admirável foi que, sendo tão elevado seu mérito e sendo sua fama tão extraordinária, ainda era muito maior sua humildade. Não havia homem que fizesse mais baixo conceito de si, nem se conheceu jamais fiel algum mais rendido à Sé apostólica. Aquele grande e sublime engenho nunca perdeu de vista seu nada nem os descaminhos de sua juventude. Com este humílimo espírito compôs o livro de suas *Confissões*, procurando temperar a eminente reputação de sua santidade com aquela pública confissão de seus pecados. Diz-se que, passeando um dia pela beira do mar, ocupada a imaginação em querer apurar alguns pontos incompreensíveis do inefável mistério da Trindade, em que então estava trabalhando, encontrou um menino muito atarefado, ao que parecia, em meter a água do mar numa poça que havia aberto na areia. Perguntou-lhe o santo o que pretendia com aquilo. «Meter toda a água do mar nesta poça», respondeu o menino. «Pois, filho, replicou Agostinho, não vês que isso não pode ser?» «Mais fácil é isto, respondeu o menino, que compreender com teu limitado entendimento a grandeza do mistério incompreensível.»

Assim como sua sabedoria não havia inchado seu coração, assim tampouco haviam esfriado sua devoção os estudos. De poucos santos se conta virtude mais afetuosa nem mais terna que a de Santo Agostinho; de poucos, que tivessem o coração mais abrasado num amor de Deus tão puro, tão ativo e tão fogoso; de poucos, que professassem a Jesus Cristo e a sua Santíssima Mãe uma devoção mais viva nem mais terna. «Atravessaste, Senhor, meu coração (diz numa parte) com uma flecha de amor tão penetrante que, introduzida profundamente no peito, ficou o aceso arpão dentro da mesma ferida.» Este era aquele divino fogo que ilustrava seu entendimento, que inflamava seu coração e que acendia nele aquele fogoso zelo por cujo impulso foi sempre o açoite dos hereges. Só com ler seus *Solilóquios*, suas *Meditações* e suas *Confissões* se reconhece o fogo do amor de Deus que o consumia e a muita razão com que o pintam com o coração na mão, rodeado todo de chamas, sendo certo que não se podia discorrer símbolo mais adequado. O esmero na pureza não pôde subir a maior ponto: jamais permitiu que entrasse em sua casa mulher alguma, nem sua mesma sobrinha, nem sua própria irmã, nem voltou a olhar o rosto de mulher alguma. A caridade com os pobres correspondia a seu abrasado amor de Deus. Dizia que as rendas do bispo eram rendas dos pobres e que, se o pobre não achava que comer em casa do bispo, era preciso que o bispo aquele dia ficasse sem comer. Não podia sofrer os murmuradores pelo horror que tinha à murmuração; e era dito comum que tanto temia a murmuração a presença de Agostinho como o erro suas disputas.

Achando-se o santo doutor carregado de anos, pois já contava sessenta e dois, e muito mais carregado de trabalhos públicos, que se multiplicavam cada dia, pediu que lhe dessem por companheiro o presbítero Heráclio para repartir com ele os cuidados da diocese. Vendo-se por este meio com algum alívio, empreendeu a revisão e o exame de suas obras, que compunham já o número de 232 livros, compreendidos em oitenta tratados de diferentes matérias, sem incluir neles um número quase infinito de cartas e de sermões sobre assuntos muito importantes. Este exame e esta revisão produziu a obra de suas *Retratações*, em que corrige tudo o menos justo ou menos exato que pôde haver-lhe escapado, censurando e criticando seus escritos com extrema severidade. Havia já algum tempo que Santo Agostinho, consumido de penitências e de trabalhos, se sentia muito desfalecido, quando o conde Bonifácio, ressentido do imperador Valentiniano III, de quem se imaginava desairado, chamou os vândalos da Espanha. Desembarcou na África seu rei Genserico à frente de oitenta mil homens e em menos de dois anos se fez dono de toda ela, com exceção das três cidades principais, Cartago, Hipona e Cirta. Muitos bispos se retiraram ao aproximar-se os bárbaros; mas Santo Agostinho nunca quis desamparar seu rebanho. Exortava-o todos os dias a aplacar a cólera de Deus com a penitência, não cessava de chorar dia e noite na presença do Senhor, suplicando-lhe que não poupasse o pastor, para que se salvassem as ovelhas. Estava sitiada a cidade e sem esperança de socorro. Pediu ao Senhor que, se era sua vontade que a cidade caísse em poder dos bárbaros, o retirasse deste mundo antes que fosse testemunha daquela desdita. Conheceu que Deus o havia ouvido pela enfermidade em que caiu; e dispôs-se para morrer com um fervor muito correspondente àquela grande alma. Recebeu os sacramentos com a fé e com a piedade de que estava animado, e no dia 28 de agosto do ano 430 rendeu tranquilamente seu espírito, rodeado de seus discípulos e de seu clero, que todos se desfaziam em lágrimas, sendo de setenta e seis anos de idade e no terceiro mês do sítio da cidade.

Tal foi a preciosa morte deste homem verdadeiramente grande, a quem os maiores homens da Igreja chamam a luzeira dos doutores, o modelo dos prelados, o escudo da fé, o armazém da religião, a torre de Davi de onde pendem mil arneses, o açoite dos inimigos de Jesus Cristo, a coluna da Igreja e o mais iluminado mestre da moral cristã. Os sumos pontífices, e até os próprios concílios, fizeram magníficos elogios da doutrina de Santo Agostinho e de seus escritos. O papa São Celestino engrandece sua fé e o chama, com outros pontífices seus predecessores, um dos primeiros doutores da Igreja. São Paulino o apelida sal da terra; São Jerônimo, o inimigo do erro; e Severo Sulpício, industriosa abelha que sustenta os fiéis com o mel de sua doutrina e com o aguilhão perfura de parte a parte os hereges.

Foi enterrado seu santo corpo com toda a solenidade possível na igreja catedral. No ano seguinte apoderaram-se os bárbaros da cidade e a incendiaram; mas as chamas respeitaram o sepulcro e a livraria do santo, onde estavam todas as suas obras. Os bispos da África que foram desterrados à Sardenha levaram consigo o santo corpo, e em seu desterro lhes serviu de muito consolo aquele precioso tesouro. Ali esteve por espaço de 206 anos, até que Liutprando, rei dos lombardos, o fez trasladar a Pavia no ano de 712, em cuja cidade se conserva até o presente, exposto à pública veneração.

Martirológio Romano

Em Hipona, na África, a festa de Santo Agostinho, bispo e doutor eminente da Igreja. Tendo sido convertido à fé católica pelo zelo de Santo Ambrósio e batizado pelo mesmo, defendeu como atleta infatigável esta mesma fé contra os maniqueus e outros hereges. Tendo igualmente dado feliz cabo a outras muitas obras em favor da Igreja de Deus, subiu ao céu a receber o galardão. Suas relíquias, transportadas primeiro de sua cidade à ilha da Sardenha por causa dos bárbaros e com o tempo a Pavia por Liutprando, rei dos lombardos, guardam-se honradas nesta última cidade.

Em Roma, a festa de São Hermes, varão distinto, que, como se vê nas atas do papa São Alexandre, foi primeiro encarcerado e depois acabou seu martírio, sendo degolado com outros muitos, sob o juiz Aureliano.

Em Brioude, na Auvérnia, o suplício de São Juliano, mártir, que, sendo companheiro de armas do tribuno São Ferréolo e servindo em segredo a Jesus Cristo sob o uniforme de soldado, foi preso na perseguição de Diocleciano e horrivelmente degolado.

Em Constança, na Gália Suíça, São Pelágio, mártir, que recebeu a coroa sob o imperador Numeriano e o juiz Evilásio.

Em Salerno, São Fortunato, São Caio e São Ântes, mártires, que foram decapitados no tempo de Diocleciano e do procônsul Leôncio.

Em Constantinopla, Santo Alexandre, bispo, ilustre ancião, por cujos poderosos rogos Ário, condenado pelos altos juízos de Deus, rebentou lançando as entranhas.

Em Saintes, São Viviano, bispo.

Na dita cidade, São Moisés, o Etíope, que, de insigne salteador e bandoleiro, chegou a ser célebre anacoreta e converteu a outros muitos ladrões, levando-os consigo ao mosteiro.

Em Gerona, na Catalunha, o martírio de São Narciso.

Em Loudun, São Claro, confessor, venerado como mártir.

Na Judeia, o santo rei Ezequias.

No dito dia, São Vicino, bispo de Sarsina, na Itália.

Na Úmbria, São Facundino, bispo de Tadinum.

Na Capadócia, São Dâmaso, mártir, um dos chamados taumaturgos pelos gregos, de cuja festa fala São Basílio numa epístola aos bispos do Ponto.

Na Etiópia, São Magdero, abade.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Adesto supplicationibus nostris, omnipotens Deus: ut quibus fiduciam sperandæ pietatis indulges, intercedente beato Augustino, confessore tuo atque pontifice, consuetæ misericordiæ tribue benignus effectum. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ouvi favoravelmente, ó Deus onipotente, nossas muito humildes súplicas; e dignai-vos conceder, pela intercessão de vosso confessor e pontífice Santo Agostinho, o efeito de vossa acostumada misericórdia àqueles a quem destes a confiança de esperá-la de vossa infinita bondade. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 4 da primeira do apóstolo São Paulo a Timóteo, e a mesma do dia IV, pág. 95.

2 Timóteo 4,1-8

> **Latim:** [1] Testificor coram Deo, et Jesu Christo, qui judicaturus est vivos et mortuos, per adventum ipsius, et regnum ejus : [2] prædica verbum, insta opportune, importune : argue, obsecra, increpa in omni patientia, et doctrina. [3] Erit enim tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt, sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros, prurientes auribus, [4] et a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur. [5] Tu vero vigila, in omnibus labora, opus fac evangelistæ, ministerium tuum imple. Sobrius esto. [6] Ego enim jam delibor, et tempus resolutionis meæ instat. [7] Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi. [8] In reliquo reposita est mihi corona justitiæ, quam reddet mihi Dominus in illa die, justus judex : non solum autem mihi, sed et iis, qui diligunt adventum ejus. Festina ad me venire cito.

Português: [1] EU te esconjuro diante de Deos, e de Jesu Christo, que ha de julgar os vivos, e os mortos na sua vinda, e no seu reino: [2] que prégues a palavra, que instes a tempo, e fóra de tempo: que reprehendas, rogues, admoestes com toda a paciência, e doutrina. [3] Porque virá tempo, em que muitos homens não soffrerão a sã doutrina, mas tendo comichão nos ouvidos, accumularão

para si mestres conforme aos seus desejos, [4] e assim apartarão os ouvidos da verdade, e os applicarão ás fabulas. [5] Tu porém vigia, trabalha em todas as cousas, faze a obra d'hum evangelista, cumpre com o teu ministerio. Sê sobrio. [6] Porque quanto a mim, eu estou a ponto de ser sacrificado, e o tempo da minha morte se avizinha. [7] Eu pelejei huma boa peleja, acabei a minha carreira, guardei a fé. [8] Pelo mais me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor justo juiz me dará naquelle dia: e não só a mim, senão tambem áquelles, que amão a sua vinda. Procura vir ter comigo com brevidade.

Nota

«Escreveu São Paulo esta segunda epístola a Timóteo não só para chamá-lo para perto de sua pessoa, mas também para animá-lo nos trabalhos do ministério episcopal. Faz-lhe várias advertências acerca dos falsos doutores e dos hereges daquele tempo, dos simonianos, dos gnósticos e dos que haviam de seguir a estes, fazendo-lhe uma viva pintura de todos eles.»

Reflexões

Prega a palavra; insta oportuna e importunamente. Não desistas de ensinar, ainda que vejas que não te querem ouvir. Faça bom ou faça mau tempo, sempre semeia o lavrador. Toda semente que há de frutificar apodrece na terra antes de arraigar e romper. O que se semeia num gênio distraído, e talvez zombeteiro e mofador, num coração duro e mal disposto, não poucas vezes prende e frutifica quando menos se pensa. O verdadeiro zelo é muito paciente; no impetuoso mistura-se muita paixão e não pode ser verdadeiro zelo. Todo zelo sem prudência, sem discrição e sem caridade é defeituoso; todo zelo que não seja muito regrado e contido é digno de temer-se; sempre dá em extremos, em nada repara, a nada atende senão a suas preocupações, as mais vezes injustas e mal fundadas: quantas mais temeridades comete, tanto mais se aplaude; e, como sempre está acompanhado de muita ignorância, suas mesmas imprudências o fazem mais arrogante. Este indiscreto zelo é de ordinário mais culpável, e também mais frequente nos que acabam de dar-se à virtude, precipitando-os facilmente em excessos de severidade, particularmente a respeito dos outros. «Senhor (diziam Tiago e São João, animados de um zelo mais vivo do que convinha contra os samaritanos, porque haviam expulsado de seu país os discípulos), Senhor, quereis que façamos descer fogo do céu e os consuma?» Era aquele zelo mais severo do que fora razão; e assim lhes respondeu o Senhor: «Não sabeis de que espírito sois.» Mistura-se frequentemente muita ilusão nessa fogosidade, a que sempre se dá o nome de zelo: uns, deixando-se levar de seu natural, dão em rigores excessivos; e outros, numa repreensível brandura. Algumas vezes a mesma virtude do confessor lhes serve de ocasião para ser mais severos; e outras, suas mesmas imperfeições e misérias os fazem demasiadamente benignos. Muitas vezes, por mira especulativa, condena-se demais; e não poucas, pela muita prática, absolve-se com sobrada facilidade. Todo zelo falso é efeito da paixão. Os que se movem por ele são bastante parecidos com os que o apóstolo São Judas chama nuvens sem água, que, agitadas

por todas as partes pelos ventos, se desvanecem em relâmpagos e trovões. O verdadeiro zelo sempre está acompanhado de muita prudência, de muito sossego e de muita atividade.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 5 de São Mateus.

Mateus 5,13-19

> **Latim:** 13 Vos estis sal terræ. Quod si sal evanuerit, in quo salietur ? ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras, et conculcetur ab hominibus. 14 Vos estis lux mundi. Non potest civitas abscondi supra montem posita, 15 neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus qui in domo sunt. 16 Sic luceat lux vestra coram hominibus : ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cælis est. 17 Nolite putare quoniam veni solvere legem aut prophetas : non veni solvere, sed adimplere. 18 Amen quippe dico vobis, donec transeat cælum et terra, jota unum aut unus apex non præteribit a lege, donec omnia fiant. 19 Qui ergo solverit unum de mandatis istis minimis, et docuerit sic homines, minimus vocabitur in regno cælorum : qui autem fecerit et docuerit, hic magnus vocabitur in regno cælorum.

Português: 13 Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua força, com que outra cousa se ha de salgar? para nenhuma cousa mais fica servindo, senão para se lançar fóra, e ser pisado dos homens. 14 Vós sois a luz do mundo. Não póde esconder-se huma cidade, que está situada sobre hum monte. 15 Nem os que accendem huma luzerna, a mettem debaixo do alqueire, mas põe-a sobre o candieiro, a fim de que ella dé luz a todos os que estão na casa. 16 Assim luza a vossa luz diante dos homens: que elles vejão as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos ceos. 17 Não julgueis que vim destruir a lei, ou os profetas: não vim a destruïlos, mas sim a dar-lhes cumpri mento. 18 Porque em verdade vos affirmo, que em quanto não passar o ceo e a terra, não passará da lei hum só i, ou hum til, sem que tudo seja cumprido. 19 Aquelle pois, que quebrar hum d'estes mínimos mandamentos, e que ensinar assim aos homens, será chamado mui pequeno no reino dos ceos: mas o que os guardar, e ensinar a guardallos, esse será reputado grande no reino dos ceos.

Meditação

Do amor de Deus

Primeiro ponto

Considera que é coisa bem estranha que tenhamos necessidade de que se nos exorte e se nos prove que devemos amar a Deus. Como é possível conhecer que Deus é o soberano bem, a origem de todos os bens, o único bem verdadeiro, e que deixemos de amar a Deus desde que somos capazes de amá-lo? Precisamente, Deus meu, haveis de ser pouco conhecido quando sois tão pouco amado. Que coisa há nem pode haver em todo o universo capaz de arrebatar nosso coração que não possua Deus eminentemente? Grandeza, formosura, poder, bondade, em todos os objetos criados, nada sois senão umas imperfeitíssimas sombras; só Deus é grande, sábio, poderoso e bom. Não nos cansamos, por amável, por cabal que seja o objeto criado em que fixamos nosso coração neste mundo, não é capaz de fazer-nos ditosos nem por um só momento. Quantos dissabores, quantas mudanças imprevistas, quantos reveses, quantos contratempos turbam nosso coração! O temor de que se canse, a certeza de que algum dia se há de perder, inquietam e sobressaltam. O amor das criaturas é inseparável do desassossego, da turbação e da dor. Só vós, meu Deus, só vós, que sois toda a minha felicidade, só vós podeis ser meu todo o tempo que eu quiser. Não há sucessos, não há acasos, não há poder no mundo para arrancar-vos de minha alma, e num objeto tão amável não tenho que recear nem mudança nem desgosto. Mas suponhamos que se achasse uma criatura que fosse digna de nosso amor: quem nos poderia assegurar que ela nos julgasse a nós dignos do seu? Esse grande Deus, tão poderoso, tão perfeito, tão amável, não só não se desdenha de nosso coração, não só não nos considera indignos de seu amor, mas nos impõe um expresso preceito de que o amemos e se compraz extremamente numa alma que o ama. O nascimento obscuro, uma curta capacidade, uma desgraça bastam para fazer-nos o desprezo do mundo; e nessas circunstâncias tão humildes e tão abatidas nos olha Deus com uns olhos cheios de ternura. Desprezam-te os grandes, mas Deus te ama. Aborrecem-te os invejosos e os rivais, mas Deus nos olha com carinho; Deus nos ama: e será possível que nós não amemos a Deus?

Segundo ponto

Considera que afetos de reconhecimento e de amor não se acenderiam em nosso coração se soubéssemos que o maior monarca do mundo nos honrava com sua benevolência. Ah, vós, meu Deus, me amais, não o ignoro eu: tudo mo está gritando, tudo mo está provando; e eu não vos amarei! Sim: não só é Deus infinitamente amável, mas nos ama infinitamente. São os benefícios a prova mais convincente do amor; e quantos temos recebido de Deus! Não nos está cumulando deles a cada momento, ainda quando nos valemos dos mesmos benefícios para ofendê-lo? A quem deves esse ser que tens e a quem deves tudo o que é necessário para conservá-lo? Esse céu, esses astros, essa terra, esses frutos são efeitos menos visíveis da bondade do Criador? Tudo isso é seu, e tudo o criou Deus para ti e por teu amor. Busca dentro de ti ou fora de ti bem algum que não o hajas recebido de sua mão, que não seja dom de sua infinita liberalidade. Ah, que tudo nos grita, tudo nos prega que Deus nos ama; quando poderemos nós dizer que amamos a Deus? Mas onde há benefício maior que o da religião? Se um rei se fizesse escravo para resgatar um vassalo seu, não seria esta uma grande prova de seu amor? Não teria direito a esperar alguns sinais de reconhecimento? Esse grande Deus, que de nenhuma criatura havia mister para ser infinitamente

feliz, fez-se homem, fez-se escravo para que os homens fossem inteiramente ditosos. É verdadeiramente incompreensível esse amor de meu Deus para com os homens, eu o confesso; mas será menos incompreensível a tibieza, a frieza e a ingratidão dos homens para com Deus? Consideremos a vida e a morte do Redentor: percorramos todos os mistérios de nossa religião; a Eucaristia, os sacramentos e o fim de todos esses meios, que é nossa eterna bem-aventurança. Tudo isso fez Deus para provar-nos o excesso de seu amor. Saiu com seu intento? Que te parece? Fez bastante? E devia fazer mais? Creio, Senhor, todas estas maravilhas; mas, crendo-as, de nada me acusa minha fé? Ah, Senhor! Não somente é justo que eu vos ame, mas na realidade só em vosso amor encontro meu próprio interesse. Não há alegria pura, não há paz, não há repouso, não há felicidade na terra senão no coração dos que vos amam. Que prudentes, que discretos foram os santos, aqueles grandes homens, aqueles encumbrados engenhos em colocar toda a sua dita só em amar a Deus! Que ditoso foi um Agostinho em viver todo abrasado no fogo do divino amor! Pois de quem dependerá que não logre eu a mesma dita? Vosso amor, ó meu Deus, vosso amor; e isto me basta.

Diligam te, Domine. Está decidido, meu Deus: eu vos amarei sem repartição e sem reserva; mediante vossa divina graça, vou desde logo reparar minha ingratidão com o apuro de meu amor.

Jaculatórias

> *Domine, tu scis quia amo te.* Jo 21.

Bem sabeis, Senhor, que nada desejo tanto como amar-vos.

> *Quis nos separabit a charitate Christi?* Rm 8.

Quem será capaz de separar-me do amor de meu Senhor Jesus Cristo?

Propósitos

1. Um Deus infinitamente amável nos permite, nos solicita e até nos manda que o amemos sob pena de um suplício eterno; e quem obedece a este mandamento? Mostra-se o amor de mil maneiras; o entendimento só se ocupa e só se deleita no objeto amado, a língua nunca se cansa de falar dele. Que ânsia e que solicitude em dar-lhe gosto! Não se acha este senão em tudo o que agrada àquele: tudo quanto se opõe a sua vontade e a sua inclinação nos dá no rosto. Estas são as provas que de hoje em diante hão de acreditar teu amor a Deus. Se amas a Deus, pensarás em Deus frequentemente; nunca o perderás de vista. Impõe-te uma lei de não malograr ocasião

alguma de falar de Deus: este será sinal certo de que o amas; mas sobretudo dedica-te a dar-lhe gosto. Pede-te coisinhas, ao parecer pequenas; a observância de certas regras miúdas. Provarás que amas a Deus por esta exata observância.

2. Acostuma-te a exercitar-te frequentemente em atos de amor de Deus em todas as ocasiões: nas visitas de atenção, de obrigação ou de necessidade; nas conversações ordinárias, nas ocupações e no estudo. Um levantar o coração a Deus, uma palavrinha que mostre o incêndio de teu amor, um olhar ao céu ternamente fomentam e inflamam maravilhosamente este divino fogo. Os melhores atos de amor de Deus são os menos estudados; aqueles em que prorrompe de repente o coração. Com tudo isso, podes servir-te dos que se te sugeriram no fim da meditação. Também te abastecerão de uma multidão deles os *Solilóquios*, as *Meditações* e o livro das *Confissões* de Santo Agostinho. Dize a Deus muitas vezes que o amas; isto conduz muito para granjear-nos seu amor. Não faltam hoje pessoas virtuosas que fazem por dia até dois mil atos de amor por Deus.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:55 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:55 by Admin